



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9922 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

Acordes entre Filosofia e rock: arranjos para uma educação de si

Marcos Ribeiro de Santana - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

## **Acordes entre Filosofia e rock: arranjos para uma educação de si**

### **Resumo**

A proposta desse trabalho é possibilitar o encontro entre a filosofia e a não-filosofia, em especial a música rock'n'roll, para pensar em uma educação de si, por meio do aprender filosofia, como exercício de construção da subjetividade e como criação de pensamentos conceituais. Perspectiva traçada pelas filosofias de Foucault, que visa uma ação de cada um sobre si mesmo, na atividade de fazer da vida uma obra de arte. E com o pensamento de Deleuze e Guattari, na produção da filosofia como criação de conceitos. Duas concepções diferentes de filosofia, que se encontram com a trilha sonora do rock, um gênero musical, intempestivo, polêmico, transgressor e livre, para pensar alternativas possíveis para potencializar a educação, dentro de uma abordagem crítica e criativa diante dos desafios que compõe a realidade. Acordes para despertar e ressoar um modo outro de experimentar a vida. E a composição de arranjos educacionais que pautam a criação de um estilo de viver e de conduzir a própria vida, criando pensamentos conceituais que expressam uma maneira de existir, sentir e agir.

**Palavras-chave:** Educação; Filosofia; pensamento; rock; subjetividade

### **Acordes entre Filosofia e rock**

A palavra acorde, do verbo acordar, tem origem latina *accordare*, e significa concordar, estendendo a designação para o ato de despertar, sair do período de sonolência; fazer recobrar os sentidos; voltar a si. No campo filosófico, o acorde implica no despertar do pensamento, uma alusão ao acordar do sono dogmático, destacado por Kant; e do sono antropológico, alertado por Foucault. Na música, o acorde também de origem latina, *ad cordis*, cujo significado é: *para o coração*, tem o sentido de fazer algo harmonioso, um acordo, a concordância entre pessoas ou coisas. Assim, o acorde musical consiste em um conjunto harmônico de três ou mais notas que se ouve como se estivesse soando simultaneamente. Ao pensar em uma educação de si, os acordes são deslocados para o acordar do sono pedagógico, que implica no despertar para novas auroras, novos olhares para

a construção da subjetividade e dos próprios pensamentos. E os acordes de uma nova sonoridade que ressoa na composição de modos outros de experimentar o mundo, por meio do aprender filosofia.

Os acordes para a composição de uma educação de si, estão pautados naquele que aprende, possibilitando instrumentos para compor uma experiência filosófica própria, proporcionado um aprender por si. Nota-se que esse aprender não é uma composição solo, mas potencializada por encontros múltiplos com a filosofia, com a não filosofia, com professores filósofos ou não filósofos, entre outros, que provocam modos outros de pensar e intervir no mundo. Nesse sentido o aprender delimita-se aqui ao ato de produzir, criar, inventar. Ele não se resume ao acúmulo de conteúdos, para apenas reproduzi-los, mas consiste na disposição em criar pensamentos conceituais e, também, a própria subjetividade. Uma criação para inspirar ou provocar a produção de outros pensamentos e outras subjetividades. Enfim, um aprender filosofia que possibilite um exercício de si e um pensar por si.

A filosofia sempre foi caracterizada por criar várias maneiras de pensar a existência, na perspectiva de transformá-la ou recriá-la e, também, manter uma atitude de questionamento em relação às verdades absolutas. Uma ação inserida na realidade para o enfrentamento dos problemas presente nela. Entre as diversas maneiras de fazer filosofia, destaca-se as abordagens de Michel Foucault e a de Gilles Deleuze em parceria Felix Guattari. Duas maneiras diferentes de pensar o exercício do filosofar, que não se excluem, mas potencializam modos outros de produção filosófica. Filosofias que se conectam com a não-filosofia, como por exemplo, a ciência, a arte, entre outros, para possibilitar novas invenções e intervenções na realidade. Um contato que não implica na reprodução dos conteúdos elaborados por esses filósofos, mas que provoca a criação de novos pensamentos.

A experiência-filosófica com o pensamento de Foucault parte da investigação do texto *O Sujeito e o Poder* e percorre a obra foucaultiana para analisar a constituição da história dos diferentes modos de objetivação que tornaram os seres humanos sujeitos. Percurso que passa pela crítica aos modos como o sujeito foi constituído ao longo da história; e pela dimensão criativa, quanto à visibilidade da possibilidade do sujeito de construir a si mesmo. Algo realizado por três abordagens: 1) o sujeito que se relaciona com as questões do saber (arqueologia), a análise dos discursos constituídos pelos saberes, na instauração da verdade. 2) O sujeito situado dentro das relações de poder (genealogia), a análise dos dispositivos de poder, que institui práticas disciplinares de domesticação dos corpos. 3) O sujeito que se relaciona consigo mesmo (anarqueologia), na construção da própria subjetividade. Trata-se de uma análise histórica diferencial e temporal do sujeito em ação, nas práticas que constituem os modos de existir. Uma investigação para fazer um diagnóstico de como o sujeito é hoje: enquanto sujeito de ação na produção de saber; como sujeito de ação na relação com os outros; e como sujeito de ação sobre si mesmo, como modo de construção da própria vida.

Em relação ao pensamento de Deleuze e Guattari o foco é sobre o livro *O que é filosofia?*, em que apresenta concepção de filosofia, enquanto criação de conceitos, ocupando com a produção de pensamentos, que perpassam a experimentação-vida. Uma filosofia que aproxima de uma geografia, privilegiando os espaços múltiplos em que o pensamento se situa e se desloca, o que a caracteriza como uma *Geofilosofia*. Mapeando acontecimentos, ela procura traçar planos de imanência, inventar personagens filosóficos e criar conceitos. Assim, o foco é potencializar o ato de filosofar não como uma revelação do dado e nem uma reflexão sobre algo e sim criação de conceitos surgidos e provocados a partir do enfrentamento dos problemas. Uma experiência filosófica que não se restringe a interpretação, a reprodução, mas à produção de um pensamento, marcado pela diferença e pela singularidade. Condição que faz

com que o aprender filosofia se ocupe com o modo de pensar e criar, numa conexão entre terra-território e vida imanente. Uma experiência educacional que potencialize a construção de mundos possíveis, um povo e uma terra porvir.

A conexão entre a filosofia e a não-filosofia, por meio do rock, parte do entendimento desse gênero como um conjunto de subdivisões criadas ao longo da história. Uma composição polimórfica que criou diferentes maneiras de agir, inúmeras produções estéticas e variedades sonoras, impossibilitando uma definição única para o rock. Além dele extrapolar as barreiras que o delimita como apenas um gênero musical. Segundo Nancy (2017), o rock desempenhou um papel singular nas transformações políticas do século XX, sendo contemporâneo das mudanças filosóficas desse século. Para o autor, desde sua emergência na cena mundial, “o rock não cessa de constituir um fenômeno filosófico” (NANCY, 2017, p. 557), criando uma maneira singular que constitui uma forma própria de pensar, de compreender o mundo, de questionar os valores e de propor alternativas para existência.

A história do rock é marcada por tensões que o colocam em entre capturas, rupturas e alternativas. A primeira tensão consiste na crítica a certos comportamentos sociais e a composição de outras maneiras de viver. No entanto, ao criar um modo alternativo de vida, acabou por padronizar um tipo de comportamento, que logo foi rompido com a emergência de uma outra possibilidade, com o aparecimento de outro subgênero do rock. A segunda tensão é em relação a indústria fonográfica, que, por vezes, o rock foi capturado pelos interesses capitalistas e se beneficiando dele; e, por outras, procurou romper com a esse sistema, buscando alternativas fora desse jogo de interesse. Tensões que transitaram entre ser produção cultural, construindo uma maneira de viver; e ser produção mercadológica, um mecanismo do capitalismo.

Polêmico e singular, o rock traz com acordes e letras uma visão da realidade e uma exposição das crises existenciais da condição humana. Para isso ele mantém uma atitude *crítica* frente à sociedade, questionando regras abusivas e moralistas; e protestando contra sistemas políticos opressores e excludentes. Também mantém uma atitude *criativa*, quanto à capacidade de inventar uma maneira particular de existir e de compor uma expressão estética para a vida. Uma sonoridade que ecoa como alternativa para pensar um outro modo de experimentar o mundo. Com esse estilo de existir é possível aproximar o rock da filosofia de Foucault no âmbito da estética da existência, questionando os modos de objetivação constituídos na história e propor um “exercício de si”, para a criação de modos outros de subjetivação, fazendo da vida uma obra de arte. E se conectar com Deleuze e Guattari, enquanto experiência do pensamento, uma atividade de “pensar por si mesmo” na criação de conceitos. Elementos que potencializam um aprender filosofia, que possibilite a experiência de novos arranjos para uma educação de si.

### **Arranjos para uma educação de si**

Ao compor arranjos para a pauta da educação, a partir da sintonia entre filosofia e rock, entende-se o arranjo como o ato ou o efeito de dispor de maneira conveniente, um conjunto de elementos, uma disposição ou colocação harmônica desse conjunto a partir de uma manifestação estética. Na música o arranjo consiste na preparação de uma composição musical para a execução de uma expressão sonora produzida por um grupo de vozes ou de instrumentos. O arranjo faz com que a música, por meio de técnicas rítmicas, harmonias, contrapontos e pausas, torne mais atraente ao ouvinte. Ele é um processo criativo diferente da

composição, pois parte de uma melodia já produzida, recriando-a com uma nova instrumentalização e sonoridade. Trata-se de uma reedição da autoria, destacando elementos ou transformando-os. Ao deslocar o arranjo musical para propor arranjos educacionais, a perspectiva consiste num processo crítico e criativo para explorar a potencialidade da filosofia e do rock, para uma nova instrumentalização e sonoridade para produzir pensamentos e subjetividades.

A operacionalidade dos arranjos educacionais na construção de subjetividades, na atividade sobre si mesmo, se mantém aberta ao outro e ao mundo. Em termos foucaultianos, consiste na possibilidade de uma reinvenção do cuidado de si, que também está relacionado com o cuidado do outro e com o cuidado com o mundo. Essa operacionalidade se estende à perspectiva de Deleuze e Guattari, quanto a capacidade de pensar por si, na experiência de criar pensamentos. A atitude do rock é de operar como um ato provocativo, que problematiza a existência, forçando pensar alternativas diferentes de compô-la. Consiste numa ação questionadora diante de si próprio, enquanto estilo musical, como também frente a outros gêneros musicais, no que diz respeito ao papel da música na invenção da subjetividade e na intervenção na sociedade. Parafraseando Deleuze (2011), seria fazer a pergunta: *o que as músicas dizem?*. Uma interrogação para problematizar como a música opera na composição da vida individual e coletiva, no sentido de saber se ela mantém certo conformismo em relação ao *status quo* ou ela promove rupturas e mudanças. Isto faz com que os arranjos para compor uma educação de si sejam a afirmação da vida e a potencialização do ato de pensar.

O encontro entre filosofia e rock ressoa num aprender filosofia que promove o contato com os pensamentos produzidos, não para copiá-los, mas para traçar possibilidades de transformação e invenção da realidade, a partir um diagnóstico da atualidade e uma experimentação vida. Uma atitude de problematização e criação, cuja produção não se esgota em respostas e metas definidas, mas que potencializam novos pensamentos e acontecimentos múltiplos. Desse modo, o aprender filosofia não tem um caráter professoral, ou seja, não professa verdades absolutas, reproduzindo pensamentos já construídos, caracterizando o aprender como enciclopédico e conteudista. Mas sim é apresentado como ato provocativo que potencializam fluxos, conexões variadas, caminhos diversos, para produzir algo novo, frente aos problemas da atualidade. Nesse sentido, todo aprender filosofia não se fixa em identidades e nem unidades, ele é sempre passagem, travessia, deslocamento, algo que se diferencia em cada ação. Em suma, aprender em filosofia é criação, produção de algo novo.

É importante destacar, que não se trata de negar a relevância dos conteúdos produzidos, que responderam as indagações de seu tempo e espaço. E sim explorar o encontro com eles para criar outros pensamentos, com foco no tempo presente. A operacionalidade desse aprender filosofia consiste em traçar planos educacionais diferenciais, evitando reproduzir experiências educativas massificadas, serializadas, científicas e racionalistas, para propor uma *experiência filosófica singular*. Trata-se do exercício de uma prática de liberdade e um agenciamento de desejos para fazer do espaço educacional em lugar possível de produção de si e do mundo. Um aprender filosofia que que se distancia de um modo de educação presa à reprodução, à interpretação, à significação; que mesmo na diversidade de procedimentos e estratégias de aplicação, sempre visam apenas atingir metas e objetivos, que por vezes, estão distantes da realidade e da vida dos estudantes.

Uma experiência filosófica é sempre singular, ela não pode ser reproduzida, nem copiada e jamais será um modelo a ser seguido. O que a caracteriza como uma *experiência filosófica diferencial*. Ela propõe arranjos educacionais, entre filosofia e rock, para produzir conexões e encontros intensivos, ressoando na criação de outros mundos possíveis. Um aprender filosofia marcado pela singularidade, potencializando pensamentos e criando subjetividade num movimento que desperta acordes e arranjos entre filosofias e a não-

filosofia. Uma composição pautada num movimento de inquietude, de deslocamentos, de rupturas a tudo que limita a existência e impede a criatividade. Enfim, uma *educação de si diferencial*, que possibilite um exercício de si e um pensar por si, como prática libertária para a construção de uma *vida inédita*.

### **Referências bibliográficas**

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *O que é Filosofia?*. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto A. Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*, Trad. Peter Pal Peelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.

foucault, michel. *O Sujeito e o Poder*. In: DREYFUS, H.L. e RABINOW, P. *Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

Nancy, Jean-Luc. *Posfácio: A cena mundial do rock*, in\_ LINS, Daniel. *Bob Dylan: a liberdade que canta*. Goiânia: Edições Ricochete, 2017.